Foi no final do outono de 1902 — estava eu sentado, a ler, debaixo dos castanheiros seculares da Academia Militar Wiener-Neustadt. De tão profundamente embrenhado no meu livro, mal me apercebi de que o único não oficial entre os nossos professores, o erudito e bondoso capelão da Academia, Horacek, se me juntara. Tomou o volume das minhas mãos, observou a capa e abanou a cabeça. «Poemas de Rainer Maria Rilke?» perguntou ele, pensativo. Folheou, depois, aqui e ali, passou os olhos por alguns versos, olhou ao longe, e finalmente acenou afirmativamente com a cabeça. «Então o nosso pupilo René Rilke tornou-se poeta.»

E fiquei a saber do rapaz enfezado, pálido, que os pais, há mais de quinze anos, haviam entregado à Escola Militar Elementar de St. Polten, para que se tornasse oficial. Nesse tempo, Horacek era capelão da unidade, e recordava com tácita precisão o antigo pupilo. Descreveu-o como um jovem plácido, sério, muito dotado, que gostava de se manter à parte, que suportava pacientemente o constrangimento da vida do internato e que passara com os outros, após o quarto ano, para a Escola Militar Superior, em Mahrisch-Weisskirchen. Aí a sua constituição mostrou-se indubitavelmente não resistente o suficiente, motivo pelo qual os seus pais o retiraram da instituição e o mandaram continuar os estudos na terra natal, em Praga. A configuração do seu posterior trajeto de vida já Horacek não sabia informar.

Depois de tudo isto, é facilmente compreensível que naquele mesmo momento tenha decidido enviar a Rainer Maria Rilke os meus experimentos poéticos e a pedir-lhe a sua opinião. Não tendo, ainda, completado os vinte anos e estando no limiar de uma profissão que

sentia estar precisamente do lado oposto às minhas inclinações, esperava encontrar compreensão, se junto de alguém, então do poeta que havia escrito *Mir zur Feier*. E sem o ter propriamente querido, escrevi uma carta para acompanhar os meus versos, na qual me expunha a outro ser humano tão francamente como não antes havia feito, ou depois.

Muitas semanas passaram até me chegar a resposta. A carta, com lacre azul, mostrava o carimbo dos correios de Paris, pesava-me na mão, e mostrava no envelope os mesmos traços belos, claros e seguros em que o texto estava escrito da primeira à última linha. Assim começou a minha correspondência regular com Rainer Maria Rilke, que se estendeu até 1908, e que depois se foi progressivamente perdendo, porque a vida me empurrou para regiões das quais o cuidado caloroso, sensível e comovente do poeta me tinha querido guardar.

Mas não é isso que importa. Apenas as dez cartas que se seguem são importantes, importantes para o conhecimento do mundo em que Rainer Maria Rilke viveu

e criou, e importantes também para os muitos espíritos, de hoje e amanhã, em crescimento e devir. E onde um homem grande e singular fala, os pequenos devem calar-se.

Franz Xavier Kappus[1]

Berlim, junho de 1929

[1] Franz Xaver Kappus (1883-1966), oficial do exército austríaco e correspondente de guerra em 1914-1918.



PRIMEIRA CARTA

As coisas em geral não são tão fáceis
de aprender e dizer como normalmente
nos querem fazer crer.

Paris, 17 de fevereiro de 1903

Estimado Senhor,

A sua carta só me chegou apenas há alguns dias. Quero agradecer-lhe pela sua grande e amável confiança. Pouco mais que isso posso fazer. Não posso entrar em considerações sobre a forma dos seus versos, pois qualquer intenção crítica me é demasiado distante. Não há nada com que menos nos possamos aproximar de uma obra de arte que com palavras críticas: daí resultam sempre mal-entendidos, mais ou menos felizes. As coisas em geral não são tão fáceis de apreender e dizer como normalmente nos querem fazer crer; na sua maior

parte os acontecimentos são inexprimíveis, efetuam-se num espaço em que nunca uma palavra penetrou, e mais inexprimíveis do que todos os acontecimentos são as obras de arte, existências misteriosas, cuja vida, ao lado da nossa que se desvanece, perdura.

Feita essa observação preliminar, posso dizer-lhe ainda que os seus versos não possuem uma forma própria, mas apenas indicações silenciosas e veladas para algo pessoal. Sinto esse tipo de indicação de modo mais claro no último poema, «Minha Alma». Aí, há algo de próprio que quer chegar à palavra e melodia. E no belo poema «A Leopardi» talvez se desenvolva uma espécie de afinidade com esse grande poeta, esse solitário. Apesar disso, os poemas ainda não são independentes, não têm autonomia, nem mesmo o último, nem o dedicado a Leopardi. A sua amável carta, que os acompanhou, não deixou de me esclarecer alguma da insuficiência que senti ao ler os seus versos, sem, no entanto, ser capaz de designá-la por um nome.

O senhor pergunta se os seus versos são bons. Pergunta-me a mim. Antes perguntou a outros. Envia os seus

versos para jornais. Faz comparações entre eles e outros poemas e inquieta-se quando certas redações rejeitam as suas tentativas. Ora (como me deu licença de aconselhá-lo), peço-lhe para desistir de tudo isso. O senhor olha para fora, e é isso sobretudo que agora não devia fazer. Ninguém pode aconselhá-lo e ajudá-lo, ninguém. Há apenas um meio. Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até ao lugar mais profundo do seu coração; admita se teria de morrer caso fosse proibido de escrever. Sobretudo isto: pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa da sua noite: preciso de escrever? Desenterre dentro de si uma resposta verdadeira. E se esta for afirmativa, se for capaz de enfrentar essa pergunta séria com um forte e simples «preciso», então construa a sua vida de acordo com essa necessidade; a sua vida tem de se tornar, até na hora mais indiferente e limitada, um sinal e um testemunho para esse ímpeto. De seguida, aproxime-se da natureza. Procure, como o primeiro homem, dizer o que vê e experimenta e ama e perde. Não escreva poemas de

amor; evite por princípio aquelas formas que são muito usuais e muito comuns: são elas as mais difíceis, pois é necessária uma força grande e amadurecida para dar algo de pessoal num terreno em que se acumulam tradições boas e, em parte, brilhantes. Fuja, pois, dos motivos gerais para acolher aqueles que o seu próprio quotidiano lhe oferece; descreva as suas tristezas e desejos, os pensamentos passageiros e a crença em uma qualquer beleza – descreva tudo isso com uma sinceridade íntima, serena, paciente, e utilize, para se expressar, as coisas do seu ambiente, as imagens dos seus sonhos e os objetos da sua lembrança. Caso o seu quotidiano lhe pareça pobre, não o acuse; acuse-se a si, diga a si mesmo que não é poeta o bastante para evocar as suas riquezas; pois para o criador não há nenhuma pobreza e nenhum ambiente pobre e insignificante. E mesmo que estivesse numa prisão, cujos muros não permitissem que nenhum dos ruídos do mundo chegasse aos seus ouvidos, não continuaria a ter a sua infância, essa riqueza preciosa, régia, essa câmara do tesouro das recordações? Volte a sua atenção para ela.

Procure trazer à tona as sensações submersas desse distante passado; a sua personalidade ganhará firmeza, a sua solidão ampliar-se-á e tornar-se-á uma habitação confortável, onde passará ao longe o burburinho dos outros.

E se dessa viragem para dentro, desse aprofundamento no seu próprio mundo, resultarem versos, o senhor não pensará em perguntar a alguém se são bons versos. Também não tentará despertar o interesse dos jornais por tais trabalhos, pois verá neles património seu, amado e natural, um pedaço e uma voz da sua vida. Uma obra de arte é boa quando surge de uma necessidade. É nesta sua origem que se encontra o respetivo juízo: não há nenhum outro. Por isso, estimado senhor, não saberia dar nenhum conselho que não este: voltar-se para si mesmo e pôr à prova as profundezas de onde vem a sua vida; na nascente dela encontrará a resposta para a questão de saber se precisa de criar. Aceite-a como ela for, sem mais explicações. Talvez se revele que o senhor seja um artista. Nesse caso, aceite o seu destino e carregue o seu peso e a sua grandeza sem perguntar

nunca pela recompensa que poderia vir de fora. Pois o criador tem de ser por si mesmo um mundo e encontrar tudo em si e na natureza a que se uniu.

Porém, depois dessa descida dentro de si e da sua solidão, talvez tenha de renunciar a ser poeta (basta, como foi dito, sentir que seria possível viver sem escrever: então não o deve tentar de todo). Mas mesmo assim esta meditação que lhe peço não terá sido em vão. Seja como for, a sua vida encontrará a partir daí caminhos próprios; e que sejam bons, ricos e vastos é o que lhe desejo mais do que sei dizer.

O que ainda lhe devo dizer? Parece-me que tudo foi enfatizado da maneira apropriada, mas gostaria apenas de aconselhá-lo a passar com serenidade e seriedade ao longo do seu desenvolvimento; não há maneira pior de atrapalhar esse desenvolvimento do que olhar para fora e esperar que de lá venha uma resposta para questões que apenas o seu sentimento mais íntimo poderá porventura responder, na sua hora mais silenciosa.

Foi para mim uma honra imensa poder encontrar na sua carta o nome do senhor professor Horacek; tenho

uma grande admiração por esse amável erudito, e uma gratidão que se mantém ao longo dos anos. Faça-lhe, por favor, chegar este meu sentimento; é grande bondade dele ainda se lembrar de mim, e sei apreciá-la.

Devolvo-lhe também os versos que atenciosamente me confiou. E agradeço-lhe mais uma vez pela grandeza e pela cordialidade da sua confiança, de que procurei tornar-me um pouco mais merecido do que realmente sou, como um estranho, por meio desta resposta sincera, dada da melhor maneira que pude.

Com toda a devoção e simpatia,

Rainer Maria Rilke